

FRANCHI: O OUTRO E O OUTRO

RODOLFO ILARI
IEL/UNICAMP

1. Na longa e privilegiada convivência que tive com Carlos Franchi, como aluno, linguista e companheiro de muitas ilusões, não seria difícil encontrar episódios exemplares para ilustrar sua personalidade singular ou para dar o devido realce ao papel que lhe coube no desenvolvimento dos estudos lingüísticos, em nosso país.

Incansável leitor de Chomsky e dos seus comentadores, Franchi é hoje um dos mais profundos conhecedores da Gramática Gerativa e provavelmente um dos raros linguistas entre nós que mantêm a seu respeito uma atitude simultaneamente interessada e crítica. Tem sido também um de seus mais competentes divulgadores, mas todas essas observações, que provavelmente o representam tal como o viram muitos de seus alunos, na UNICAMP e fora dela, não fazem justiça para mim ao verdadeiro Franchi: o que se caracteriza não por manter uma interlocução atenta e constante com a Gramática Gerativa, mas por introduzir no diálogo preocupações muito próprias, que a maioria dos gerativistas não compartilham.

É difícil traçar o perfil desse outro Franchi, cuja produção escrita, limitada a poucos textos, vai se tornando inacessível e assusta ora por seu caráter programático ora por um extremado formalismo. Há o risco de que, no final, fique descrita uma personagem apenas "bene trovata". Se isto acontecer, o melhor é que o Carlos Franchi tome este meu texto como uma provocação: por um lado ele é o único responsável por escrever pouco; por outro, provocar intelectualmente os amigos (e amá-los desinteressadamente) é algo que todos nós aprendemos com seu exemplo.

1. 1 O propósito que esse segundo Franchi vem perseguindo ao longo dos anos, é o de conciliar com a exigência metodológica de uma representação formalizada algumas teses sobre a natureza (as funções) da linguagem. Que idéias são essas? são antes de tudo as teses - colhidas das leituras de Bally, Vossler, Spitzer e Bühler, e reforçadas pela formação em Teoria Literária - segundo as quais a linguagem molda o pensamento e exprime os interlocutores antes de ser referencial, sendo a metáfora o mais legítimo exemplo de criatividade lingüística. Essas idéias nunca andaram de mãos dadas com as representações formais; sempre foram ao contrário encorajadas por autores de orientação psicologizante, dados a um discurso basicamente intuitivo.

É provavelmente por uma espécie de homenagem a esses autores que Franchi gosta de intitular-se "funcionalista", uma denominação correta se evitarmos algumas das referências que o termo estimula (por exemplo Martinet) e dermos a devida amplitude a outras (por exemplo Danes e os praguenses).

O "funcionalismo" de Franchi constrói-se em grande parte sobre dois postulados:

- (1) a linguagem é trabalho, e não produto;
- (2) um mesmo tipo fundamental de operação permite aos humanos agir sobre os objetos do mundo e sobre os objetos semiológicos que são os sinais de qualquer linguagem.

Seria possível ver no primeiro uma variante da distinção de Humboldt entre *energeia* e *ergon*, mas é mais provável que as raízes desse *parti-pris* afundem em outras experiências mais antigas que as leituras lingüísticas - talvez a de um marxismo difuso aprendido na militância política, talvez a da psicologia genética assimilada como parte da formação do antigo professor secundário.

Seja como for, no trabalho de Franchi multiplicam-se as afirmações de que as categorias da língua, como as categorias do mundo, são o fruto de um trabalho que as fundamenta em algum sentido a precisar.

Franchi deve ter encarado como confirmação da primeira tese a possibilidade de encontrar objetos formais cuja natureza se definisse no interior de um construto, e isso parece ter sido um motivo forte para que ele se voltasse para a Lógica Combinatória de Curry e Feys, onde os objetos formais não são previamente distintos em predicados e argumentos, mas a ordem em que se dá sua utilização em operações permite distinguir caso a caso, "contextualmente", "operadores" e "operandos". Além do mais, a lógica de Curry e Feys representava exemplarmente a segunda tese por ter como operação única a "aplicação", que se traduz intuitivamente e com grande facilidade em operações sobre objetos físicos de qualquer espécie.

Pela facilidade com que representa as intuições expressas em (1) e (2) acima, desde os anos 70, Franchi abraçou a lógica combinatória de Curry e Feys como a formalização adequada do processo que fundamenta a construção da sintaxe das línguas naturais. Nessa época, é quase certo que encarasse a lógica de Curry e Feys como fornecendo a representação do que há de essencialmente ativo na "faculté de langage".

O próximo passo - e o próximo problema - é o de articular as fórmulas construídas nesse nível de representação mais abstrata da "faculté de langage" à sintaxe das línguas historicamente dadas. A solução proposta consiste em imaginar uma construção por patamares, onde a única operação admitida continua sendo a de aplicação, mas onde por outro lado a complexidade dos objetos formais cresce progressivamente.

Na prática, cada um desses patamares apresenta uma linguagem que contém a do patamar inferior, e a excede, pela presença de novos operadores ou de

termos construídos a partir dos de nível inferior. É assim que, de uma linguagem formal mais pobre, capaz apenas de relacionar conceitos vagamente delimitados ("gato come rato"), passamos a linguagens formais mais ricas, em que estariam representadas as várias formas de quantificação, as remissões dêiticas, a singularização de informações como novas, pressupostas, etc ("o que este gato comeu foi o ratinho que vimos ontem perto do tanque"). Numa visão global, essa construção em patamares vale por uma tomada de posição sobre aquilo que há de mais fundamental ou de mais acessório em toda língua.

1. 2 Do que acabamos de dizer resulta que o projeto de construção linguística de Franchi é um projeto de sintaticista, não no sentido de que propõe uma sintaxe explícita para uma língua particular, mas no sentido de que define um plano de fundamentação sintática válido em princípio para qualquer língua. No nível de generalidade em que o projeto se propõe, é legítimo, em outras palavras, questionar a ordem em que se dispõem as linguagens de que falamos no parágrafo anterior, ou argumentar que certa operação, e não outra (digamos: a marcação do foco e não da quantificação) é mais fundamental; não teria grande pertinência questionar que ele não resolve o problema da colocação dos clíticos das línguas românicas.

Considerada no nível apropriado de generalidade, o mérito principal dessa proposta é o de ter procurado definir a condição de possibilidade de toda sintaxe, a partir da operação fundamental de aplicação, que é desejadamente genérica, não nos obrigando a privilegiar num primeiro momento nenhuma das relações reconhecidamente limitadas (como a de constituência, dependência, escopo, etc.) que foram adotadas ao longo da história da gramática como nucleares por diferentes escolas e autores. Essa operação fundamental e extremamente vaga dá-nos uma abertura para a gênese das categorias, relações e funções da gramática "superficial", e nos permite ao mesmo tempo olhar para os fenômenos do sentido.

1. 3 Há porém lacunas afetando-a nesse nível de extrema generalidade:

(a) A mais importante é provavelmente a falta de definição sobre a natureza do percurso que vai do nível mais abstrato às sentenças superficiais de uma língua dada. Que esse percurso possa ser representado como uma sucessão de linguagens, não dispensa de decidir se ele deverá ser encarado como percurso filogenético, ontogenético ou psicogenético. Há, nos dois principais textos de Franchi, indicações em cada um desses sentidos. Por exemplo, a alusão à psicologia de Piaget aponta para uma leitura psicogenética; a ausência de qualquer balizamento na idade dos sujeitos tende a sugerir por outro lado que se descreve um caminho logicamente possível (ontogênese). Permanece por sua vez o fato de que o falante adulto encontra em sua comunidade significados e estruturas prontos, que não exigem uma "nova" definição em termos operatórios. Como se chegou a essas estruturas, como se desenvolveram a partir da operação de "aplicação", línguas naturais com as características estruturais que lhes são peculiares parece ser um problema para a

história da espécie.

A dificuldade surge, naturalmente, porque Franchi quer dar a sua proposta um valor empírico, e esse valor é essencialmente diferente conforme leiamos seu trabalho em chave ontogenética, filogenética ou de aquisição da linguagem: cada uma dessas leituras exigiria pesquisas de tipo diferente para legitimar-se.

(b) Seja qual for a chave adotada, mas principalmente numa leitura ontogenética, não fica claro em que momento às operações de aplicação se agrega um caráter verdadeiramente simbólico: a noção de trabalho não tem um papel claro, fora do nível mais básico e, por sua extrema generalidade, parece eliminar a possibilidade de discriminar o meramente operatório do especificamente lingüístico.

2. O Outro Franchi, não o estudioso e crítico da gramática gerativa, é responsável por ter colocado em circulação alguns conceitos metodológicos que foram extremamente influentes nos últimos anos:

- a) o de linguagem como atividade constitutiva
- b) o de indeterminação da sintaxe
- c) o de sistema de referência.

A importância assumida por esses conceitos enquanto estímulos heurísticos é inegável, mas isso não significa que se trate de conceitos realmente claros.

2. 1. Há muitos sentidos em que se pode falar de atividade constitutiva a propósito da linguagem, e os escritos de Franchi não apontam univocamente para nenhum deles:

(a) em primeiro lugar, poder-se-ia entender todo o projeto do item 1 como atividade através da qual a linguagem se constitui. Há (ou houve) uma atividade cujo resultado é a competência lingüística do falante ou da comunidade, e cujas condições de possibilidade ficam traçadas admiravelmente naquele programa. Aqui, usando a terminologia gramatical para fixar nossa intuição, linguagem está para atividade constitutiva na relação de objeto resultante.

(b) poder-se-ia também entender que a língua constitui as categorias do pensamento e da ação. Gramaticalmente falando, linguagem seria então o agente de uma atividade que constitui, isto é, produz como objeto resultante, as categorias do pensamento e as impõe como estruturas fechadas tanto ao sujeito do discurso quanto à comunidade em seu todo. Interpretada dessa forma, a tese de Franchi seria apenas mais uma glosa da tese whorfiana de que a língua condiciona o pensamento, ou da crença estruturalista de que o homem é falado por sua língua e não vice-versa. Mas essa é certamente uma interpretação equivocada: basta ver a importância que alunos mais próximos de Franchi deram ao papel do sujeito no estilo, na renovação

pedagógica e na prática do tratamento neurológico para perceber que a linguagem não é para Franchi uma prisão domiciliar. Não conta o produto, mas o processo. A linguagem é um eterno "rem gerere".

(c) Assim é mais sensato atribuir-lhe a tese de que se constroem na linguagem, e por mecanismos substancialmente semelhantes àqueles que permitem criar novas unidades lingüísticas, as categorias de pensamento de que o sujeito ou a comunidade precisam a todo momento. Os mecanismos lingüísticos que permitiram construir as representações do universo que se associam de maneira "standard" às línguas historicamente dadas (por exemplo: a representação do mundo em classes de objetos e processos que se associa às línguas ocidentais), continuam disponíveis mesmo depois que essas representações se instauram e ganham rigidez e autonomia. Será possível, assim, utilizar as línguas naturais para transgredir com ganho cognitivo as representações do mundo que elas próprias favorecem e suportam. É o que ocorre na metáfora que aprende e realça propriedades de um indivíduo às quais de outro modo estaríamos cegos, ao subsumi-lo numa categoria inusitada; é o que ocorre quando se lança mão do aparato lingüístico da referência para caracterizar como indivíduos autônomos segmentos espaço-temporais de nossa experiência que nunca, possivelmente, haviam sido tratados como tais (fiz isso neste texto ao falar do "Outro Franchi").

É uma tese mais afinada com sua formação, com a importância que tem dado à "atividade epilingüística" e com a crença iluminista de que qualquer língua natural é capaz de adaptar-se para expressar qualquer conteúdo. Mas embora esta leitura seja sensata, porque coincide com a orientação mais geral de seu pensamento, também é verdade que sua produção escrita, tanto quanto nos lembramos, não oferece uma só análise de caso, um só exemplo de como isso acontece na prática.

2. 2. Poder-se-iam fazer cobranças análogas a propósito das duas outras noções:

(a) é evidente, por exemplo, que a noção de sistema de referência complementa a gramática (morfossintaxe + semântica) no sentido de uma global teoria da interpretação, mas há várias maneiras de entender essa complementação, e hoje seria certamente necessário estabelecer se e como o funcionamento de um tal componente afeta a possibilidade de compreender e traduzir.

(b) quanto à tese da indeterminação da sintaxe, fica pouco claro o que acrescenta à tese esposada por alguns estruturalismos de que os recursos formais das línguas naturais expressam vários sentidos, e de que o mesmo sentido pode ser expresso por vários recursos formais - a negação de uma relação bi-unívoca entre unidades da expressão e unidades significativas.

Pouco claras do ponto de vista operacional, essas noções mantêm uma relação orgânica com o programa exposto no item 1: esclarecem acima de qualquer dúvida, que Franchi é partidário de uma sintaxe e uma semântica construídas sem qualquer concessão ao modelito "livre, leve e solto", isto é, com o mais irrestrito rigor formal; esses componentes "rígidos" precisam contudo ser

suplementados por outros, de natureza diferente, em que se dá conta da adaptabilidade da língua à variedade das situações vividas. Com isso, seu projeto "sintático" alarga-se para cobrir os limites da atividade linguística em seu todo.

3. Na longa e privilegiada convivência que tenho tido com o Carlos Franchi, frequentei pouco e negligentemente o professor de sintaxe gerativa, e muito o "filósofo de sintaxe" que, ficando à margem do modelo vigente por opção e não por necessidade, se permitiu pensar, de maneira original e livre, mas rigorosa, os fundamentos da linguagem e a arquitetura mais geral de uma teoria linguística. Não me cabe conciliar essas duas personagens que Franchi vem protagonizando. Gostaria apenas de dizer a esse colega com quem convivi como aluno e continuo convivendo como linguista da UNICAMP e companheiro de muitos projetos, que as duas figuras me parecem, a longo prazo, igualmente importantes.

É uma maneira de recomendar que o projeto de que falei em 1 não seja abandonado. Porque, se é verdade, como Franchi sempre sustentou, que as idéias não têm proprietário, nem por isso convém que sejam dilapidadas.

Fiz aqui algumas cobranças precisas: acho que Franchi ficou devendo o capítulo seguinte aos que, compartilhando suas intuições mais gerais sobre a natureza da linguagem, gostariam de acompanhar seus desdobramentos e seu alcance.